



SINTOMAS DE DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES EM BANCÁRIOS DA CIDADE DE PORTEIRINHA-MG

Adaiane Olímpio dos Anjos Silveira¹

Ernandes Gonçalves Dias²

RESUMO

Este estudo teve por objetivo estimar a frequência de sintomas de distúrbios osteomusculares em funcionários das agências bancárias da cidade de Porteirinha e suas possíveis associações com fatores organizacionais, sociodemográficos e comportamentais. Trata-se de uma pesquisa do tipo transversal, descritivo e quantitativo. A pesquisa foi realizada juntamente com os funcionários formais dos bancos da cidade de Porteirinha que consentiram participar do estudo. Foi aplicado um questionário contendo 19 questionamentos, incluindo um instrumento padrão para se medir a ocorrência dos sintomas de distúrbios osteomusculares nas diferentes regiões anatômicas. Os resultados possibilitaram identificar que a prevalência de relatos de sintomas osteomusculares nos bancários é bastante relevante e que há a necessidade de rever formas de prevenção e de tratamento a fim de melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores. Todos os bancários que afirmaram sentir nos últimos 12 meses dor em alguma região do corpo relacionaram pelo menos uma das regiões, ao trabalho que realiza na agência. Somente a postura no trabalho evidenciou uma correlação perfeita positiva com as regiões afetadas. A prática regular de atividade física mostrou-se inversamente correlacionada com a presença de dor em todas as regiões anatômicas estabelecidas. É necessário considerar que os valores podem estar subestimados, uma vez que participaram da pesquisa apenas indivíduos considerados aptos para o trabalho e consequentemente mais saudáveis.

Unitermos: Distúrbios Osteomusculares, Ler, Dort, Bancários.

SYMPTOMS OF MUSCULOSKELETAL DISORDERS IN BANK CITY PORTEIRINHA-MG

ABSTRACT

This study aimed to estimate the frequency of symptoms of musculoskeletal disorders in employees of city agencies Porteirinha and their possible associations with organizational factors, sociodemographic, and behavioral. It is a field survey, cross-sectional, descriptive and quantitative. The survey was conducted with employees of the formal city banks Porteirinha who consented to participate. We administered a questionnaire containing 19 questions, including a standard instrument for measuring the occurrence of symptoms of musculoskeletal disorders in different anatomical regions. Was possible to identify the prevalence of reported musculoskeletal symptoms in the banking Porteirinha is very relevant and that there is a need to review ways of prevention and

¹ Enfermeira Especialista em Enfermagem do Trabalho pela Faculdade Presidente Antônio Carlos de Porteirinha, FUPAC. Porteirinha, Minas Gerais. Brasil. E-mail: adaiane-olimpio@hotmail.com ² Enfermeiro Especialista em Enfermagem do Trabalho, Professor Orientador. E-mail: ernandesgdias@yahoo.com.br



treatment in order to improve the quality of life of workers. All banks that reported feeling pain in the last 12 months in some region of the body related at least one of the regions, for the work of the agency. Only the working postures showed a perfect positive correlation with the regions affected. The regular practice of physical activity was inversely correlated with the presence of pain in all the anatomical regions established. It is necessary to consider that the values may be underestimated, since only individuals participated in the survey considered fit for work and therefore healthier.

Uniterms: Musculoskeletal Disorders, Ler, Dort, Bank.

INTRODUÇÃO

As Lesões por Esforços Repetitivos/Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/DORT) são patologias ocupacionais que afetam o sistema musculoesquelético ligamentar, causando frequentemente dor, fadiga, incapacidade temporária e consequente diminuição da performance do trabalho, representando mais de 65% das doenças ocupacionais (SILVA, 2010).

As atividades repetitivas, juntamente com posturas inadequadas durante o percurso do trabalho bancário, podem ser responsáveis pela presença de sintomas musculoesqueléticos em um grande número de profissionais dos bancos (BURIN *et al.*, 2011).

Nos últimos anos, verificou-se uma significativa incidência dessa patologia em bancários. No Brasil, foram afastados entre os anos 2000 e 2005, 25,08 mil profissionais em decorrência de LER/DORT, fato que resultou numa expressiva distribuição de benefícios do auxílio-doença, totalizando 981,4 milhões de reais (PERES, 2007).

A dor osteomuscular crônica em funcionários de agências bancárias é relativa ao ambiente de trabalho e seus fatores organizacionais. Elas são responsáveis pelo sofrimento e o absenteísmo no trabalho bancário, comprometendo continuamente a situação de saúde dos funcionários (SCOPEL, 2010).

Sabe-se que a LER/DORT, é a primeira causa de adoecimento em profissionais que atuam em bancos, e são comumente, reconhecidas e associadas “como doenças relacionadas ao trabalho. Tanto é que a Previdência Social reajustou, em 2007, o grau de risco dos bancos de 1% (risco leve) para 3% (risco grave) de contribuição para o Seguro de Acidente de Trabalho (SAT)” (BRASIL, 2011, p.24).

Cotidianamente, percebe-se a queixa por parte de diversos funcionários, sobretudo de caixas de banco sobre a presença de dores em diversas partes do corpo, além de estudos relacionados ao tema que apontam os bancários como os sujeitos mais acometidos pelos sintomas de distúrbios osteomusculares. Diante desse problema surgiu a seguinte pergunta: qual a frequência dos sintomas de distúrbios osteomusculares em funcionários dos bancos Porteirinha? A busca por este problema proporcionou uma abertura de propostas de mudanças no trabalho bancário, com execução de atividades preventivas e com menor impacto debilitante no processo saúde-doença do trabalhador. Com possível estabelecimento de um fluxo de acompanhamento e ações de recuperação da saúde dos funcionários. Apesar de esse tema ser bastante dialogado cotidianamente, ainda são poucos os estudos científicos realizados nos últimos anos referentes ao trabalho bancário.

Acredita-se que devido às características do trabalho bancário, a frequência de sintomas osteomusculares seja significativa, principalmente naqueles que não praticam atividade física, que realizam horas extras, não fazem pausas durante o trabalho e, sobretudo em mulheres, como verificado nos estudos já existentes. Diante disso, esse estudo teve como objetivos estimar a frequência de sintomas de distúrbios osteomusculares em funcionários de bancos públicos e



privados da cidade de Porteirinha e suas possíveis associações com fatores organizacionais, sociodemográficos e comportamentais; verificar casos diagnosticados de Lesão por Esforço Repetitivo/Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (LER/DORT) e os afastamentos do trabalho.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo transversal, descritivo e quantitativo. A pesquisa foi realizada juntamente com os funcionários formais dos bancos da cidade de Porteirinha que consentiram participar do estudo.

Foram entrevistados trabalhadores bancários das agências estatais da cidade de Porteirinha; excluindo os profissionais com menos de seis meses de experiência e os profissionais terceirizados ou prestadores de serviço autônomo.

A pesquisa foi realizada sob os preceitos éticos determinados pela resolução 196/96, que dispõe sobre as diretrizes e normas que normatizam a pesquisa envolvendo seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde.

Foi aplicado um questionário contendo 19 questionamentos, incluindo um instrumento padrão (Questionário Nórdico) para se medir a ocorrência dos sintomas de distúrbios osteomusculares na diferentes regiões anatômicas. Trata-se de um instrumento objetivo, rápido e viável economicamente, que identifica através de relatos de sintomas, a ocorrência de distúrbios osteomusculares.

O Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares foi aplicado com algumas modificações específicas para o objetivo do estudo. Foram coletados também dados sociodemográficos, ocupacionais e comportamentais dos participantes da pesquisa. A fim de verificar a adequação deste instrumento de pesquisa, foi realizado um teste-piloto em alguns trabalhadores previamente, comprovando assim a sua adequabilidade.

A coleta de dados foi realizada nos meses de abril e maio de 2013, utilizando-se das próprias agências bancárias em questão. Os questionários foram entregues à gerente de cada agência que se disponibilizaram entregar a cada um dos seus funcionários com prazo de recolhimento e entrega à pesquisadora. Foram consideradas perdas os funcionários que estavam afastados do trabalho (licença-saúde, férias, por exemplo) e os que se recusaram a participar da pesquisa.

Para tabulação e análise descritiva dos dados foi utilizado o *software Microsoft Office Excel 2007*. Foram calculadas as frequências e porcentagens para as regiões acometidas, alguns dados sociodemográficos, ocupacionais e comportamentais. Possíveis associações entre regiões acometidas e dados sociodemográficos, ocupacionais e comportamentais foram avaliados utilizando-se do coeficiente de correlação de Pearson.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado com 17 bancários que atuavam no período da coleta de dados, aos quais foi aplicado um questionário com 19 questões abordando os objetivos da mesma, incluindo um instrumento padrão para se medir a ocorrência dos sintomas de distúrbios osteomusculares na diferentes regiões anatômicas.

Dentre os bancários estudados, nove (53%) são do sexo masculino e oito (47%) do sexo feminino. Os resultados da frequência relativa dos participantes segundo sexo contrariam os resultados de outras pesquisas que apontam uma quantidade maior de bancários do sexo feminino

(BURIN *et al.*, 2011; OLIVEIRA; CAMPELLO, 2006; COSTA, 2000). Mas vai ao encontro do percentual encontrado por Brandão; Horta e Tomasi (2005), no qual 58% da amostra eram do sexo masculino e 42% do sexo feminino, por Pinheiro, Tróccoli e Carvalho (2002) em que 56% eram do sexo masculino e por Silva e Másculo (2002) e Bomgiorno e Tokars (2011) onde 65% dos bancários eram homens e 35% mulheres.

A Tabela 1 demonstra que as regiões mais afetadas pela dor, dormência, formigamento ou desconforto no gênero masculino foram as seguintes regiões: cervical, os ombros, os braços, os punhos/mãos/dedos e a região dorsal, todos com 67%. As regiões afetadas assemelham-se com aquelas apontadas por Bomgiorno e Tokars (2011). Estes autores demonstraram que houve um percentual de dor significativo nas regiões do punhos/mãos/dedos (54%), acompanhados por dores nos braços (51,3%) e na região cervical (48,3%). Dentre o total de bancários do sexo masculino nove (89%), afirmaram sentir dor, mesmo que raramente em alguma região do corpo estabelecida.

Em relação ao gênero feminino pode-se afirmar que as regiões mais afetadas pela dor foram região lombar (100%), dorsal (75%), cervical/pescoço, ombros e punhos/mãos/dedos com 63%, de acordo a tabela abaixo, corroborando com Bomgiorno e Tokars (2011) que demonstrou que a região mais afetada pela dor nas mulheres foi a região cervical com 80%, seguida da região lombar e ombros com 75%.

TABELA 1 Prevalência de dor em bancários de Porteirinha no gênero masculino e feminino nos últimos 12 meses, 2013

ÁREA CORPORAL	DOR		RARAMENTE		FREQUENTEMENTE				SEMPRE							
	Fem %	Masc %	Fem %	Masc %	Fem %	Masc %	Fem %	Masc %	Fem %	Masc %	Fem %	Masc %				
Frequência																
Pescoço/Cervical	63%	5	67%	6	25%	2	50%	3	37,5 %	3	33%	2	-	-	17%	1
Ombros	63%	5	67%	6	25%	2	50%	3	37,5 %	3	33%	2	-	-	17%	1
Braços	50%	4	67%	6	25%	2	50%	3	25%	2	50%	3	-	-	-	-
Cotovelos	25%	2	33%	3	13%	1	100%	3	13%	1	-	-	-	-	-	-
Antebraços	25%	2	55%	5	25%	2	40%	2	-	-	60%	3	-	-	-	-
Punhos/mãos/dedos	63%	5	67%	6	38%	3	66%	4	13%	1	17%	1	13%	1	17%	1
Região dorsal	75%	6	67%	6	63%	5	33%	2	13%	1	50%	3	-	-	17%	1
Região lombar	100%	8	44%	4	75%	6	75%	3	25%	2	-	-	-	-	25%	1
Quadril/ membros inferiores	50%	4	33%	3	50%	4	-	-	-	-	67%	2	-	-	33%	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Mergener, Kehrig e Traeber (2008) encontraram em sua pesquisa, que dentre os bancários pesquisados, sem distinção de gênero, as regiões do corpo mais afetadas foram o trapézio, costa, ombro, punho e mão. O que se assemelha com os dados de Burin *et al.* (2011, p.7) em que destaca-se que 67,39% dos pesquisados “apresentaram algum acometimento do ombro, seguido por 53% de relatos na coluna cervical, 45,65% no punho, 36,96% na mão, 32,61% no cotovelo, 26,09% no antebraço, 21,72% na coluna lombar, 13,04% no braço, 10,89% nos dedos e 8,70% na coluna torácica”.

Geralmente, os sintomas de LER/DORT aparecem de maneira lenta, sendo que de imediato



não são percebidos pelos sujeitos. Com isso, há um agravamento do quadro após jornadas prolongadas de trabalho ou uma quantidade maior de trabalho e mesmo com o aparecimento da dor, o trabalhador continua a realizar suas funções, acarretando assim, diminuição da capacidade laboral e física, na realização de suas atividades no trabalho e em seu cotidiano (MENDES, 2010).

Dentre os participantes, 94% (16) referiram sentir em pelo menos uma das regiões do corpo, dor, dormência, formigamento ou desconforto, sendo este um valor significativamente superior aos trabalhos já realizados neste sentido. A prevalência de sintomas de distúrbios osteomusculares encontrada por Mergener, Kehrig e Traebert (2008) foi de 72,8%. Pinheiro, Tróccoli e Carvalho (2002) encontraram uma prevalência de 84%. Lacerda *et al.* (2005), encontraram uma prevalência menor de 56%, Silva e Másculo (2002) apontam uma prevalência de sintomas de 57% e Brandão; Horta e Tomasi (2005) de 60%, sendo que nesta última pesquisa, 40% relacionaram os sintomas que sentem ao trabalho que realizam.

A dor osteomuscular crônica em funcionários de agências bancárias é relativa ao ambiente de trabalho e seus fatores organizacionais. Elas são responsáveis pelo sofrimento e o absenteísmo no trabalho bancário, comprometendo continuamente a situação de saúde dos funcionários (SCOPEL, 2010).

Dentre os participantes do sexo feminino, todas referiram sintomatologia relacionada ao trabalho que realizam, sendo que cinco (63%) relataram problemas nos ombros, quatro (50%) responderam sentir problemas relacionados ao trabalho na região cervical e também nos punhos, mãos e dedos; três (38%) na região lombar; uma (13%) nos braços e uma (13%) na região dorsal. No sexo masculino, oito (89%) afirmaram que pelo menos um dos sintomas apresentados tem relação com o trabalho que realiza. Ainda no sexo masculino, quatro (44%) relacionaram problemas no pescoço/ cervical, também ombros; punhos, mãos, dedos e problemas na região dorsal ao trabalho que realiza. Problemas na região lombar foram relacionados ao trabalho por três (33%) bancários. Problemas nos antebraços e quadril/ membros inferiores foram citados por dois (22%) dos trabalhadores entrevistados. Problemas nos braços e cotovelos foram relacionados ao trabalho por pelo menos um (11%) dos participantes.

Scopel (2010) encontrou em seu estudo, que entre os trabalhadores que apresentaram sintomas nos membros superiores, 62,1% relacionaram os sintomas com as atividades que realizam no trabalho e Pinheiro, Tróccoli e Carvalho (2002) uma prevalência de 70%. Costa (2000) apresenta uma prevalência menor (44,6%) sobre a percepção dos trabalhadores em relação à causalidade total dos sintomas e a função exercida.

Sobre os afastamentos do trabalho devido aos problemas assinalados, apenas um (6%) afirmou ter afastado em decorrência dos problemas citados, sendo do sexo masculino, num total de quatro meses de afastamento e 16 (94%) negaram ter afastado do trabalho por estes motivos.

Burin *et al.* (2011) encontrou uma frequência superior de trabalhadores afastados (26,09%), sendo que 63,04% deles afastaram-se das atividades bancárias por um mês. Bomgiorno e Tokars (2011) em seu estudo caracterizou o afastamento de 15% das mulheres, e de 5,4% dos homens devido ao DORT.

Em relação às atividades de vida diária, do total de entrevistados, 13 (76%) alegaram que estes problemas não interferiram em suas atividades de vida diária. Os outros quatro (24%) afirmaram que suas atividades cotidianas foram afetadas em decorrência dos problemas citados, sendo que 50% dos quais afirmaram que sofreram essa interferência, são homens e 50% mulheres.

Mesmo sendo um percentual relativamente pequeno, considerando que se trata de pessoas que tiveram suas vidas afetadas devido à sintomatologia da LER/DORT, é preciso reavaliar as formas de trabalho a fim de igualar à zero o número de pessoas que sofrem em decorrência desta



patologia. Burin *et al.* (2011) verificou em sua pesquisa que 63,04% dos bancários apresentaram dificuldades na execução de suas atividades de vida diária ou mesmo no trabalho.

Sobre os casos diagnosticados com LER, apenas um (6%) alegou ter sido diagnosticado pelo médico com este problema, sendo participante do sexo feminino, os outros 16 (94%) negaram o diagnóstico para a LER. Segundo Burin *et al.* (2011) em sua pesquisa, revelaram que 31,72% dos bancários relataram o diagnóstico e os 68,28% não alegaram o registro. Além disso, corroborando com esta pesquisa, observou-se um maior número de relatos de diagnóstico de LER/DORT no gênero feminino, quando comparado com o masculino.

O que se verifica é que as DORT são difíceis de serem diagnosticadas e em muitos casos, o sujeito necessita provar a sua doença, pois acredita-se que a doença seja simulada e a partir desse pensamento, surge a ideia do trabalhador como causador do adoecimento, culpado pelo adoecer, o que, por outro lado, faz emergir um sentimento de vergonha no portador da doença. Além disso, há dificuldade de se encontrar profissional que proporcione tratamento adequado, que faz com que o quadro clínico sofra oscilações, com reabilitação lenta e difícil (NUNES; MENDES, 2002; SILVA; MENDES, 2006).

Sobre o ritmo de trabalho, do total de pesquisados, seis (35%) consideraram o ritmo normal, dentre esses, duas (25%) são mulheres e quatro (44%) homens. Dos pesquisados, um (6%) considerou moderado, sendo do sexo masculino e 10 (59%), classificaram o ritmo de seu trabalho como acelerado, sendo seis (75%) mulheres e quatro (44%) homens, corroborando com os dados de Brandão, Horta e Tomasi (2005), em que 58% dos bancários da amostra, apontaram seu ritmo de trabalho como acelerado.

Bomgiorno e Tokars (2011) afirmam em seu trabalho que 64,9% dos trabalhadores pesquisados consideraram seu ritmo de trabalho moderado e 35% classificaram-no como acelerado e aponta que o ritmo de trabalho é um grande fator de risco para a obtenção de distúrbios osteomusculares.

Infere-se de acordo a Tabela 2, que o ritmo de trabalho não apresentou correlação significativa para as regiões cervical, lombar e dorsal. Os ombros e punhos apresentaram correlação positiva quase perfeita. Brandão, Horta e Tomasi (2005) em sua pesquisa, afirmam que os bancários que consideravam seu ritmo de trabalho acelerado referiu mais dor do que aqueles que não o classificaram como acelerado.

De acordo a pesquisa, a maioria dos participantes referiu que em relação à postura realizam suas atividades no trabalho em posição sentada (15; 88%), os outros dois (12%) disseram que o desenvolvimento de suas atividades ocorre de maneira alternada, isto é, sentado e em pé. Todos os homens afirmaram realizar as atividades na postura sentada e as mulheres 75% (seis).

Esses valores assemelham-se com os de Costa (2000), na qual 95% dos bancários entrevistados afirmaram que trabalham na posição sentada. Exemplo do perigo do trabalho contemporâneo, o trabalho bancário, fisicamente, caracteriza-se por seu vigoroso componente sedentário, impondo sempre a posição sentada e menos a de pé, com movimentos predominantes da parte superior do corpo em intensidade, tempo, frequência desproporcional à morfologia e à fisiologia dos tecidos do organismo que estão submetidos. As posições exigidas atreladas às condições do ambiente de trabalho acabam ganhando certa rigidez que induz esforços musculoesqueléticos excessivos.

Bomgiorno e Tokars (2011) observaram uma prevalência de 66,6% de bancários que realizam suas funções na postura sentado, 28% alternado e 5,2% na posição ortostática.

	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>
Normal	23,53	11,76		17,65	17,65		17,65	17,65		17,65	17,65		29,41	5,88	
Moderado	0	5,88	0,131	0	5,88	0,755	0	5,88	0,755	0	5,88	0,052	0	5,88	-0,5
Acelerado	11,76	47,06		17,65	41,18		17,65	41,18		5,88	52,94		0	58,82	

TABELA 2 Sinais e Sintomas osteomusculares, segundo o ritmo de trabalho, 2013

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo a Tabela 3, a postura no trabalho evidenciou uma correlação perfeita positiva com as regiões afetadas, assim, se o número de problemas na cervical, por exemplo, aumenta com os bancários sentados, também aumenta com os bancários que realizam as atividades em posição alternada.

Mergener, Kehrig e Traebert (2008) evidenciaram em sua pesquisa que os bancários que realizavam suas funções em apenas uma posição, apresentaram prevalência 20% maior de sintomas musculoesqueléticos quando comparados com funcionários que trabalhavam de modo alternado. Assim como Brandão, Horta e Tomasi (2005), os quais afirmam que aqueles que trabalham de modo sentado, referiu mais dor do que aqueles que trabalham em postura alternada possivelmente por permanecer numa mesma posição por tempo prolongado, além de utilizar equipamentos de trabalhos muitas vezes mal posicionados e ergonomicamente inadequados.

Bomgiorno e Tokars (2011) afirmam que a postura de trabalho, principalmente quando associado ao uso de equipamentos inadequados, deve ser considerado como um desencadeador de sintomas de distúrbios osteomusculares.

TABELA 3 Sinais e sintomas osteomusculares em bancários de Porteirinha segundo a postura no trabalho, 2013

	Cervical			Ombros			Punhos			Lombar			Dorsal		
	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>	Não (%)	Sim (%)	<i>P</i>
Sentado	35,29	52,94		35,29	52,94		35,29	52,94		23,53	64,71		29,41	58,82	
Alternado	0	11,76	1	0	11,76	1	0	11,76	1	0	11,76	1	0	11,76	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre as pausas realizadas durante a jornada diária de trabalho a maioria, (09; 53%) afirmaram que não param em momento algum e oito (47%) informaram que fazem pausas durante o expediente de trabalho, numa média declarada de 18 minutos. O resultado do percentual de participantes que não fazem pausa no trabalho identifica-se com o encontrado por Scopel (2010), em que aproximadamente 56,2% afirmaram não realizar pausas, à exceção do intervalo para o almoço.

Mergener, Kehrig e Traebert (2008) evidenciam em sua pesquisa que os bancários que não realizam pausas em sua jornada diária de trabalho, apresentaram uma prevalência 31% maior de sintomas osteomusculares do que aqueles que tinham pausa, independentemente do sexo.

Brandão, Horta e Tomasi (2005) identificaram em sua pesquisa 20% mais casos de dor naqueles que não faziam pausas em seu trabalho do que naqueles que faziam a pausa. O tempo de pausa certamente influencia muito para a aquisição de distúrbios osteomusculares.

A faixa prevalente de idade dos bancários entrevistados é entre 35 até 39 anos (23%). A



idade média geral entre homens e mulheres é de 39,4 caracterizando uma amostra relativamente madura.

É necessário ressaltar que dois participantes (12%) preferiram não responder a este questionamento. Pinheiro, Tróccoli e Carvalho (2002) apontam a mesma média de idade dos trabalhadores bancários em sua pesquisa (39 anos). Scopel (2010) também encontrou uma idade média aproximada, de 37 anos, em trabalhadores bancários.

Em referência a idade, observa-se de acordo os valores encontrados que as variáveis estão diretamente correlacionadas.

Scopel (2010) verificou que em estudos mais recentes não houve associação entre os sintomas osteomusculares e a idade, apesar de encontrar maior associação de casos sugestivos de LER/DORT em funcionários com idade superior a 45 anos.

Uma quantidade significativa de bancários atua na função há menos de 10 anos (11, 65%), corroborando com Costa (2000) em que demonstrou uma prevalência superior de bancários com tempo de atuação inferior a 10 anos. Scopel (2010) em sua pesquisa encontrou tempo médio na função atual de seis anos.

A região cervical, punhos e região dorsal, apresentam uma forte correlação positiva com o tempo de trabalho na função atual, os ombros uma correlação moderada positiva para a presença de sinais e sintomas osteomusculares.

Brandão, Horta e Tomasi (2005) não encontrou uma associação estatisticamente significativa entre o tempo de atividade bancária e a presença de dor osteomuscular.

Sobre a quantidade de horas diárias trabalhadas, sete (41%) dos bancários afirmaram que trabalham apenas seis horas (4; 50% mulheres e 3; 33% homens), seis (35%) disseram trabalhar oito horas por dia (2; 25% mulheres e 4; 45% homens), apenas três (18%) informaram que trabalham por mais de oito horas em um dia (2; 25% mulheres e um; 11% homem) e um (6%) bancário do sexo masculino optou por não responder,

Scopel (2010) também encontrou um número aproximado (17,1%) de trabalhadores que exercem as funções bancárias por mais de oito horas diárias.

Bomgiorno e Tokars (2011) afirmam que 65% das mulheres e 40,5% dos homens, trabalham oito horas por dia, sendo no geral 49,1%.

A presença de dor na região do punho e lombar apresenta correlação negativa quase perfeita, as outras regiões anatômicas do corpo especificadas não apresentaram correlação significativa com as horas diárias trabalhadas.

Brandão, Horta e Tomasi (2005), afirmam que quantos às horas diárias trabalhadas, quem tinha carga horária superior a oito horas, referiram mais dor do que aqueles que trabalhavam apenas seis horas por dia.

Bomgiorno e Tokars (2011) apontam em sua pesquisa que os bancários que realizavam mais de oito horas de trabalho diário sentiam dores mais intensas do que os trabalhadores que realizavam suas tarefas em apenas seis horas contínuas, independente do gênero.

Também foi questionado aos participantes deste estudo sobre o uso do tabaco, atualmente e há um ano, e apenas um (6%) confirmou o uso nesse período. Infere-se, assim como Costa (2000) que o número de tabagista é significativamente inferior ao dos não fumantes.

Sobre a realização de outras atividades profissionais, além da de bancário, apenas dois (12%) dos participantes, sendo um do sexo masculino e outro do sexo feminino, afirmaram exercer outras práticas, sendo eles de professora e atividades agrícolas não especificadas.

A maioria dos participantes (9; 53%), exercem prática regular de atividade física, isto é, realizam exercícios físicos três ou mais vezes por semana, com no mínimo 30 minutos de duração,



sendo que dentre os que praticam três (37%) são mulheres e seis (67%) são homens. O que corrobora com o percentual encontrado por Burin *et al.* (2011), em que a prática de esporte foi citada por 69,57% dos bancários. Brandão; Horta e Tomasi (2005) evidenciam que entre os bancários pesquisados, 68% afirmam que praticava algum tipo de atividade física, mas apenas 38% o faziam de forma regular, três ou mais vezes por semana. Bomgiorno e Tokars (2011) demonstram, como neste estudo, que os homens praticam mais atividades físicas regulares (59,4%) do que as mulheres (35%).

As atividades físicas citadas pelos bancários pesquisados e que praticam exercícios físicos regularmente, foram: caminhada, futebol, exercícios aeróbicos, fisiculturismo e musculação.

A prática de atividade física mostrou-se inversamente correlacionadas com os sinais e sintomas apresentados nas regiões do corpo. Brandão; Horta e Tomasi (2005) em sua pesquisa apontam que dentre os bancários pesquisados, aqueles que não praticavam atividade física, referiu mais dor do que aqueles que realizavam.

CONCLUSÃO

Apesar de todas as agências bancárias de Porteirinha, excluindo-se os correspondentes bancários, terem sido visitadas e convidadas a participar, o estudo registra a perda de uma grande quantidade de participantes. Os bancos privados se recusaram a participar desta pesquisa, e mesmo nas agências participantes, verifica-se que uma pequena porcentagem de trabalhadores optou por não participar. Uma das dificuldades em realizar estudos em ambientes de trabalho é o acesso aos próprios trabalhadores, que foi minimizado pelo fato do questionário ter sido autorrespondido, minimizando tempo e preservando o anonimato nas respostas.

A prevalência de relatos de sintomas osteomusculares encontradas nesta pesquisa foi superior às dos trabalhos anteriores aqui citados. Importante considerar ainda que, esses valores podem estar subestimados, visto que os participantes que estão atuando em sua função estão mais saudáveis e aptos para o trabalho e aqueles que não responderam, por estar, por exemplo, em licença por questões de saúde estão com quadro de sintomas osteomusculares muito mais agravados.

Dos bancários pesquisados, 53% são homens. A idade média geral entre homens e mulheres é de 39,4. Em referência a idade, observou-se que as variáveis estão diretamente correlacionadas com a presença de sinais e sintomas osteomusculares.

As regiões mais afetadas pela dor, dormência, formigamento ou desconforto no gênero masculino foram as regiões: cervical, os ombros, os braços, os punhos/mãos/dedos e a região dorsal. No gênero feminino as regiões mais afetadas pela dor foram região lombar, região dorsal, região cervical/pescoço, ombros e punhos/mãos/dedos. Assim, 94% dos bancários referiram sentir em pelo menos uma das regiões do corpo, dor, dormência, formigamento ou desconforto, sendo este um valor significativamente superior aos trabalhos já realizados neste sentido. Todos que refeririam dor nos últimos 12 meses, relacionaram-na às atividades que realizam.

Sobre os afastamentos do trabalho devido aos problemas assinalados, apenas 6% afirmou ter se afastado. Do total de participantes, 24% afirmaram que suas atividades cotidianas foram afetadas pelos sintomas de distúrbios osteomusculares.

Dentre os participantes, 53% não fazem pausa no trabalho e 59% consideraram seu ritmo de trabalho acelerado, entretanto, o ritmo de trabalho não apresentou correlação significativa com a presença de dor nas diversas regiões do corpo. Dentre os participantes, 88% alegam que realizam seu trabalho apenas de modo sentado, mas a postura no trabalho evidenciou uma correlação perfeita



positiva com as regiões afetadas. A região cervical, punhos e região dorsal, apresentam uma forte correlação positiva com o tempo de trabalho na função atual, já os ombros uma correlação moderada positiva. A maioria dos bancários atuam há menos de dez anos na função atual. A presença de dor nas regiões anatômicas do corpo especificadas não apresentou correlação significativa com as horas diárias trabalhadas. A prática regular de atividade física não é realizada por 47% dos bancários e os sinais e sintomas apresentados nas regiões do corpo mostraram-se inversamente correlacionadas com os valores da porcentagem dos que fazem atividade física, com os que não fazem.

Enfim, os resultados encontrados refletem a necessidade de rever formas de prevenção e de tratamento a fim de melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

BOMGIORNO, A.; TOKARS, E. *Prevalência dos Sintomas de Distúrbios Osteomusculares em Bancários da Cidade de Curitiba*. Universidade Tuiuti do Paraná, 2011. Disponível em: tcconline.utp.br/.../prevalencia-dos-sintomas-de-disturbios-osteomusc Acesso em: 13/01/2013.

BRANDÃO, A. G.; HORTA, B.; TOMASI, E. *Sintomas de distúrbios Osteomusculares em Bancários de Pelotas e Região: Prevalência e Fatores Associados*. Mestrado. Mestrado em Saúde e Comportamento – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005. Disponível em: http://biblioteca.ucpel.tche.br/tesesimplificado/tde_arquivos/2/TDE-2007-05-30T054110Z-70/Publico/andrea.pdf Acesso em: 12/01/2013.

BRASIL, Sindicato dos Bancários de São Paulo. *Saúde dos bancários / organização Laerte Idal Sznelwar*. – 1. ed. – São Paulo: Publisher Brasil : Editora Gráfica Atitude Ltda., 2011. 360 p. I SBN 978-85-85938-67-3. Disponível em: http://www.fundacentro.gov.br/sistemas/EventoPortal/AnexoPalestraEvento/SaudeDosBancarios_Miolo_bx.pdf Acesso em: 25/01/2013.

BURIN, T. *et al. Presença de LER/DORTS em um grupo de bancários da cidade de Erechim-rs. PERSPECTIVA*, Erechim. v.35, n.129, p. 93-102, março/2011 Disponível em: http://www.uricer.edu.br/new/site/pdfs/perspectiva/129_157.pdf Acesso em 13/01/2013.

COSTA, I. A. *Estudo sobre possíveis associações entre níveis de estresse e distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho, entre bancários da cidade do Recife*. 2000. 115 f. Mestrado de Saúde Pública, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães da Fundação Oswaldo Cruz - Departamento de saúde Coletiva, Recife, 2000. Disponível em: <http://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2000costa-ia.pdf> Acesso em: 15/01/2013.

LACERDA, E. M. *et al. Prevalence and associations of symptoms of upper extremities, repetitive strain injuries (RSI) and 'RSI-like condition'. A cross sectional study of bank workers in Northeast Brazil*. *BMC Public Health* 2005, 5:107 doi:10.1186/1471-2458-5-107. Disponível em: <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/5/107> Acesso em: 08/01/2013.

MENDES, M. A. B. *LER/DORT e o trabalho bancário*. Monografia. Faculdade de Direito de Curitiba, Centro Universitário de Curitiba. 2010. Disponível em:



www.trt9.jus.br/internet_base/arquivo_download.do?evento. Acesso em: 14/01/2013.

MERGENER, C. R.; KEHRIG, R. T.; TRAEBERT, J. Sintomatologia Músculo-Esquelética Relacionada ao Trabalho e sua Relação com Qualidade de Vida em Bancários do Meio Oeste Catarinense. *Saúde Soc.* São Paulo, v.17, n.4, p.171-181, 2008.

NUNES, E. E.; MENDES, J. M. R. A trajetória do trabalhador portador de ler/dort: afinal que caminho é esse? *Revista Virtual Textos & Contextos*, nº 1, nov. 2002. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fass/article/view/932> Acesso em: 14/01/2013.

OLIVEIRA, P. A. B.; CAMPELLO, J. C. Cargas de trabalho e seu impacto sobre a saúde: estudo de caso em quatro instituições financeiras em Porto Alegre. *Boletim da Saúde*. v.20, n.1, p.68-91, 2006. Disponível em: http://www.esp.rs.gov.br/img2/v20n1_08CargasTrab.pdf. Acesso em: 09/05/2013.

PERES, L. (2007). *País gasta R\$ 981 milhões com LER em bancários*. Recuperado em 29 de abril de 2007, de Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u116625.shtml> Acesso em: 22/01/2013.

PINHEIRO, F. A.; TRÓCCOLI, B. T.; CARVALHO, C. V. Validação do Questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares como medida de morbidade. *Rev. Saúde Pública*, 2002; 36(3): 307-12.

SCOPEL, J. *Dor Osteomuscular em Membros Superiores e Casos Sugestivos de LER/DORT entre Trabalhadores Bancários*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia. Porto Alegre, BR-RS, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24322> Acesso em: 09/01/2013.

SILVA, E. M. *Doenças Ocupacionais – LER/DORT*. 2010. 46 f. Universidade Cândido Mendes. Pós-Graduação Lato Sensu. Projeto a Vez do Mestre. Cachoeiras do Macacu-RJ. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/mono_grafiaspublicadas/n203635.pdf. Acesso em: 03/02/2013.

SILVA, G. W.; MÁSCULO, F.S. *Avaliação das DORTs em estabelecimentos bancários*. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFPB. 2002. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2001_TR45_0596.pdf Acesso em: 13/01/2013.

SILVA, L. M. C.; MENDES, A. M. *Casos de Afastamento por LER/DORT e retorno ao trabalho bancário: Uma análise Psicodinâmica*. Dissertação. Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/2441>. Acesso em: 13/01/2013.